

ARAMIS SEBASTIÃO DE ASSIS

Livro-reportagem “Olho no Breu”

Visita ao Manicômio Judiciário de Barbacena

Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
Junho, 2010

ARAMIS SEBASTIÃO DE ASSIS

Livro-reportagem “Olho no Breu”

Visita ao Manicômio Judiciário de Barbacena

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
Junho, 2010

Folha de Aprovação

“Tenho 20 anos e acabo de me tornar repórter policial. O chefe da redação, Sr. Azevedo, me convoca para minha primeira reportagem. Numa favela carioca, moradores ateiam fogo a um homem, acusado de matar a pauladas o filho adolescente.

O assassino, com braços e tórax derretidos pelo fogo, ocupa um leito de hospital público, mas não corre risco de vida. Na favela, o coração destruído, sua mulher vela o filho morto.

Vou primeiro ao morro. É um crime pequeno, um episódio na vida da gente comum. No barraco, encontro apenas um velho fotógrafo de A Notícia que – com a frieza de um açougueiro experiente – escolhe as imagens mais repugnantes.

“Meu marido é um cachorro”, a mulher grita. “Um bicho!” Olho o corpo do rapaz, lustroso como um boneco de cera, a cabeça enrolada em bandagens imundas, o rosto borrado por placas roxas. “Ele matou meu filho por nada”, a mulher continua. “Matou como se fosse um rato”.

Encho-me de ódio. Ao chegar ao hospital para ouvir o assassino, pois as normas do jornalismo exigem sempre os dois lados das histórias, trago o espírito arreganhado. Largado em uma enfermaria obscura, o homem parece uma sombra de homem. Uma nódoa na paisagem.

“Por que o sr. fez isso?”, pergunto, mal conseguindo encará-lo. O homem tem os olhos parados, como pérolas sujas esquecidas no fundo de uma gaveta, e não pára de tremer. Insisto: “Por quê?” Ele me olha e diz: “Ele me odiava porque eu sou só um lixeiro.” Ergo a voz e, em tom de reprimenda, digo que isso não é motivo suficiente para matar.

O homem suspira. Depois diz: “Ele roubava meu dinheiro e, enquanto eu carregava lixo, ia para a cama com minha mulher.” Julgo ouvir um ruído vago, mas tenebroso, como se o teto da enfermaria começasse a desabar sobre mim. Não consigo dizer mais nada. Saio.

Na redação, o Sr. Azevedo ordena: “Quero uma história violenta, que tenha início, meio e fim, pois precisamos de manchetes”.

Sento-me para escrever. O esquema clássico do noticiário policial me pede uma narrativa reta, em que haja uma vítima, um assassino monstruoso e uma viúva infeliz. Começo a escrever, mas não posso avançar. Sinto-me tonto. Vou ao banheiro e vomito.

De volta, escrevo uma primeira versão, a mais neutra que posso imaginar, em que os vários pontos de vista se entrelaçam. Ofereço-me ao Sr. Azevedo. Ele lê e diz: “O que é isso, um boletim de ocorrência? Quero uma história coerente, e não um relatório”.

Volto para a máquina e escrevo, agora, três versões da reportagem. Ajo como um repórter que tivesse três cabeças. Na primeira, o homem é um cão danado que mata a pauladas um filho ingênuo e infeliz. Na segunda, é um homem fraco que enlouquece, manipulado pelo filho pervertido e pela mulher incestuosa. Tento uma terceira versão em que pai e filho são inocentes, fantoches nas mãos de uma megera.

As três narrativas não cabem em uma história só e, no entanto, seria assim, na conjunção contraditória das três, que eu estaria mais próximo da verdade. Mas, eu descubro, ela é o que menos importa a meu chefe.

O Sr. Azevedo, com o ar agastado, vem me cobrar a reportagem. “Nossa hora estourou”, grita. Fecho os olhos, misturo as três páginas datilografadas, sorteio uma delas e, sem ver o resultado, entrego-a. O Sr. Azevedo lê e diz: “Agora sim a história faz sentido.”

Tomo o ônibus para casa. Levo no bolso as duas versões desprezadas. Amasso-as e jogo pela janela. Deixo que o vento do Aterro do Flamengo bata com força em meu rosto, castigando-me. Tento respirar, ainda em sucesso, pois é como se uma rolha de decepção me trancasse o peito. Não tenho coragem de ler o jornal no dia seguinte. Até hoje não sei qual das minhas três versões foi publicada.”

“O repórter de três cabeças” de José Castello, publicada no Estado de S. Paulo de 5/8/97

Resumo

O projeto “Olho no Breu” foi idealizado por meio de visitas ao Hospital Psiquiátrico e Judiciário Jorge Vaz, Barbacena, o único em Minas Gerais que funciona em sistema hospitalar e carcerário, a fim de produzir um livro-reportagem que retratasse a vivência no dia-a-dia do manicômio e sua relação funcionários/pacientes, bem como reproduzisse fielmente os relatos de vida dos internos e a transcrição dos seus processos criminais e laudos médicos. O Jornalismo Literário e sua concepção romântica das realidades variáveis em um mesmo contexto, e o método Fenomenológico para estudo da Psicopatologia que se utiliza da internalização da psique do outro, construíram de forma humanística um livro que não fosse apenas um trabalho de conclusão de curso, mas relatasse por um olhar sensível o humano como ser.

Palavras-Chave

Manicômio, pacientes, livro-reportagem, jornalismo literário, psicopatologia

Abstract

The "Eye on the Pitch" was designed by visits to the Psychiatric Hospital and Judiciary Jorge Vaz, Barbacena, the only one in Minas Gerais that works in hospital and prison system in order to produce a book-report that portrayed the experience of the day to day of the asylum and its relation staff / patients, as well as reproduce the life stories of inmates and the transcript of his criminal and medical records. The Literary Journalism and his romantic conception of the changing realities in the same context, psychopathology, phenomenology and the method which uses the internalization of the psyche of the other, built on a humanistic one book that was not just a work of completion, but reported by a sensitive as the human being.

Key-Words

Mental hospital, patients, book-report, literary journalism, psychopathology

Sumário:

Introdução: Iniciados ao Breu.....	7
Referencial: Prática em Teoria.....	10
Relatório: A falta de um roteiro.....	21
Pré-produção.....	21
Produção.....	22
Pós-produção.....	24
Ficha artística.....	25
Considerações Finais ou Iniciais.....	26
Referencial Teórico.....	28

“aos não iniciados as coisas secretas estão vedadas...”

Introdução: Iniciados ao Breu

Curioso sobre as anormalidades psíquicas da mente humana, suas reverberações e convivências com a sociedade, questionamentos quanto às suas naturezas, suas manifestações, e possíveis tratamentos, o autor do presente, objetivou desde o início a procura de experiências e vivências que extrapolam o saber teórico como fundamento para a prática. Inicialmente neste Memorial, requisito necessário para o trabalho de conclusão de curso, propõe-se algumas discussões acerca da psiquiatria e da psicopatologia do homem para uma contextualização base do assunto, desenvolvido no projeto experimental em forma de jornalismo literário e de percepção pessoal, unindo o campo do jornalismo com a literatura e a psicologia.

Os quase extintos manicômios ou hospícios são atualmente os hospitais psiquiátricos, onde se internam geralmente os vulgos “loucos” para uma possível readaptação à sociedade. Com a crescente legislação antimanicomial, condenando as práticas de tortura e reclusão, muito se tem conquistado para quebrar os muros e paradigmas de encontro aos doentes mentais. As práticas de laborterapia e terapias ocupacionais vêm conquistando aceitação e abertura nos meios culturais, como tratamentos de recuperação e avaliação dos pacientes, fundados em trabalhos que desenvolvem aptidões e artes dos próprios doentes; rompendo com tratamentos de tortura comuns há poucas dezenas de anos.

Nos estudos médicos sobre os transtornos mentais são usados, como sinônimo de psicopatia, as denominações de sociopatia e transtorno de personalidade anti-social, esta última mais usada nos textos científicos. O conceito atual de psicopatia refere-se a um transtorno caracterizado por atos anti-sociais contínuos (sem ser sinônimo de criminalidade) e principalmente por uma inabilidade de seguir normas sociais em muitos aspectos do desenvolvimento da adolescência e da vida adulta.

A Psiquiatria e a Saúde Mental, mesmo com a evolução da medicina e da e da Psicologia com a interdisciplinaridade do saber psiquiátrico com outras áreas humanas, ainda são assuntos de grande polêmica e obscuridade para os homens, em que se inclui de modo particular os respectivos conviventes com esses distúrbios. A Psicopatologia, estudo do sofrimento psíquico, surge no século XIX antes como um ramo da psiquiatria, um estudo independente acerca da teoria, clínica e terapêutica dessa doença mental, considerada um tabu dentro dos moldes morais das sociedades.

O trabalho apresenta em sua construção, por meio da história oral, o método de redução fenomenológica da Psicopatologia, que busca através da compreensão da psique do “outro”, abster-se de verdades pré-estabelecidas e definições orgânicas da neurologia, para interiorizar as vivências desse “outro”; esse outro que pode viver uma realidade interna ou externa à nossa realidade, mas que possui suas experiências de construção social na mesma sociedade na qual convivemos.

A produção literária e jornalística se propôs a um conhecimento humanístico das psicopatias, por meio da experimentação de trocas de vivências com internos de um manicômio, utilizando-se da observação participante (VALLADARES, 2007) para produzir relatos pessoais das percepções do autor, e reproduzir histórias de vida dessas pessoas; posteriormente à criação do projeto se acrescentou a reprodução dos processos de pacientes e a convivência com a terapia ocupacional para doentes mentais.

Como arcabouço e palco das co-experiências, por meio de vivências interpessoal e intrapessoal com pacientes, relações internas/externas entre estes e os funcionários, e o funcionamento institucional de um manicômio, foi escolhido o Hospital Psiquiátrico e Judiciário Jorge Vaz, mais conhecido como Manicômio Judiciário de Barbacena, único de Minas Gerais com sistema penitenciário, onde se encontram psicopatas considerados “perigosos à sociedade” devido aos seus crimes e delitos cometidos.

Esse projeto experimental, concretizado pelas histórias orais e por aquelas constadas nos processos penais, construiu um livro-reportagem que fugisse da objetividade da mídia, presa às suas convenções jornalísticas de neutralidade e sensacionalismo, limitada no presente e sua apuração dos fatos, o que resulta da incompreensão de ações referentes aos portadores de sofrimento mental, sejam elas de caráter criminal ou não, destituindo os receptores de notícias da contextualização social e cultural de determinado indivíduo, limitando sua aceitação social.

O livro-reportagem produzido, com a congruência do Jornalismo e Literatura ou Literatura e Jornalismo, não visou delimitar até que ponto a narração é ficção ou realidade, quando reproduzido as falas dos internos, já que não realizou investigações da verossimilhança dos fatos e apresentou dados contidos nos processos penais, mas muitos deles históricos pessoais ditos pelos próprios pacientes. O trabalho se manteve autônomo em reprodução jornalística e romântica da vivência no manicômio juntamente com as experiências internas e externas dos internos, contadas por estes ou contadas nos papéis jurídicos.

São poucos os trabalhos que tratam de forma literária e compreensiva os doentes mentais e os hospitais psiquiátricos. Partindo dessa lacuna o livro-reportagem pretende contribuir para uma visão diferenciada do assunto, buscando perspectivas que não só estabeleçam discussões, mas apresentem palavras que remontem a historicidade do que se julga oculto no presente.

O interesse pelo jornalismo literário, dentro do campo da comunicação, é de importante ressalva para o modo de pesquisa utilizado. Com o *new journalism* surge a necessidade de se obter grandes reportagens que abordem assuntos de forma nunca antes retratados, aplicando a investigação em diversas angulações e campos, aliada à poética da escrita literária.

O trabalho se permitiu desmembrar os transtornos mentais em literatura, numa possível construção de outras perspectivas e apreensões sobre o assunto, que por meio da compreensão humanizasse e despertasse alternativas de introdução e readaptação dessas anomalias ao meio sócio-cultural. Esse tipo de pesquisa visa elucidar as razões inconscientes ou obscuras que levam as pessoas a determinadas atitudes, sem pretensão de estabelecer conclusões e aferir verdades, já que os acontecimentos humanos são mutáveis em sua complexidade.

“Todo coração em caos traz uma estrela cintilante”

(Nietzsche)

Referencial: Prática em Teoria

O ser humano tem procurado explicar e compreender a vivência tão estranha e amedrontadora da perda da razão, que desde a ampliação de sua visão e do seu cérebro na evolução biológica, momento em que o homem tornou-se bípede e diferente dos outros animais, sempre despertou a curiosidade e o interesse das pessoas, no sentido da elucidação das suas causas, do seu significado.

A potencialidade do homem que o torna capaz de alterar, até mesmo destruir, seu meio físico e social, criando cultura e a perpassando por gerações, ocupando todas as regiões possíveis de habitação no mundo, também o torna potencial em sua própria loucura. Erasmo de Rotterdam, em seu *Elogio da Loucura* (2006), chega a afirmar ser a loucura o estado natural do homem. Diz que não há sábio, filósofo ou cientista que não tenha tido seu momento de loucura. “Para muitas pessoas, a loucura ainda é um problema moral mais do que um problema médico; ela representa uma ofensa contra o código moral delas”. (CROWCROFT, 1971, p.12)

A “loucura” como expressão, mesmo que usada para retratar e definir situações discrepantes, está associada a tudo que foge do social, às normas e leis vigentes na mesma. Assim, em uma determinada cultura, o termo loucura pode estar associado a uma manifestação que em outra região é considerada normal, uma prática comum e aceita por aquela sociedade.

O modo peculiar como evoluiu o pensamento filosófico e científico, enfatizando a racionalidade como a característica básica do ser humano e tendendo a priorizar o raciocínio em detrimento às emoções, acarretou a sedimentação de um marcado antagonismo entre a razão e a loucura, sendo esta sempre considerada como condição desviante e patológica. De todo modo, a ciência médica passou a tratar a loucura como doença. (FÉ, 2010)

O conceito de “doença mental” associado à loucura, difundido pelas ciências médicas, segregou as pessoas consideradas “doentes mentais”, afastando-as da sociedade. O Iluminismo trouxe, particularmente na França e Alemanha, as grandes instituições de despejo, com loucos, marginais, mendigos e ladrões internados em suas próprias misérias. O doente mental era considerado perverso e sem distinção moral. Foucault apresenta a loucura como o bode expiatório a substituir a lepra na necessidade que tinha a humanidade de excluir algo: primeiro os leprosos, depois doentes mentais e criminosos comuns. (CARVALHO, 2009)

O manicômio criado por Pinel, no século XVII, para receber esses doentes mentais que viviam misturados a marginais e mendigos, se solidificou por início como um avanço no atendimento psiquiátrico, tornando-se posteriormente um símbolo de repressão ideológica e comportamental. A indústria econômica e seus grupos se apoderaram dessa instituição, e passaram a se utilizar dela como instrumento de fabricação de alienados crônicos socialmente. Frei João (BATISTA,1983) descreve esses antigos “internatos de loucos” como “Indústria da loucura”, que através de tratamentos desumanos e inúteis enriquecia às custas da insanidade de muitos.

Michael Foucault esclarece, em *Vigiar e Punir* (1987), a mudança de comportamento da justiça, que das penalidades por meio do sofrimento físico e dos suplícios, associando castigo, dor e corpo, passou a manipular o corpo dos condenados à distância, substituindo o carrasco por novos papéis sociais de alienação, como guardas, médicos, psiquiatras, psicólogos, educadores e líderes religiosos. O louco foi para a ciência aquele outro da razão que não se conformava ao ideário racional burguês. (FREIRE, Jurandir apud COSTA, 1994, p. 5)

O crescente conhecimento do mundo, como um todo, proporcionou também o conhecimento do homem interiorizado, sua relação interno/externo. A psiquiatria nascida em meados do século XIX, muito se modificou nos últimos anos pela justaposição com os saberes da psicologia, psicanálise, filosofia e ciências sociais, segundo Henriqueta Camarotti Costa, no texto *Manicômios, Um caso de Direitos Humanos* (1994).

A autora apresenta os três grandes movimentos dessa ciência nos últimos séculos: 1) a Psiquiatria Kraepeliana e sua patologia baseada no orgânico/anatômico do ser; 2) após surgiu os estudos psicodinâmicos da doença mental, com o inconsciente da psicanálise e Freud; 3) posteriormente e atualmente a psiquiatria integra-se a conhecimentos diversos já citados, incluindo outros fatores como antropológicos e ambientais, tornando-a interdisciplinar e parte da estrutura básica da medicina atual, dividida em cirurgia, medicina interna e psiquiatria.

Por definição, se uma parte da mente é inconsciente, não temos consciência dela. (...) Do mesmo modo, no decorrer de uma terapia psicanalítica, em que se encoraja o paciente a falar e pensar com a maior liberdade possível, seus desejos e temores se aproximam gradualmente da consciência (MOLLON, 2000, p. 8)

A psiquiatria conquistou sua autonomia a partir de um distanciamento da Neurologia, que em muito lhe era associada. Andrew Crowcroft (1971) diz que a última se apóia na concepção ortodoxa da Medicina Física, ela é orgânica, enquanto que a psiquiatria não é orgânica, a não ser em exceções, ela é fenomenológica. Ele coloca a ansiedade, a histeria e a obsessão como neuroses, que mesmo sendo manifestações fora do habitual, os neuróticos participam e comungam da mesma realidade da sociedade, já o psicótico não só está fora da sua normalidade, como fora da realidade do mundo que o cerca.

O psicótico conhece então seu próprio inconsciente e é incapaz de lidar adequadamente com seus impulsos, ou com as ansiedades provocadas por eles. Está, por outro lado, mal equipado para ocupar-se com os aspectos extravagantes do seu mundo objetivo. As relações com as outras pessoas sofrem em virtude disso, uma vez que é através do ego que essas relações se processam. Mais dramaticamente, ocorre uma ruptura com os laços essenciais e confortadores da realidade habitualmente aceita. (CROWCROFT, 1971, P.29)

Pio Abreu, no livro *Introdução à Psicopatologia Compreensiva* (2002), apresentou o saber da psicopatologia, nascido à sombra da psiquiatria, com estatuto de ciência autônoma dado pelos seus impulsionadores, e metodologia independente e objetiva que transcendem a prática médica.

Mas foi Karl Jaspers, na obra *“A Psicopatologia Geral”* (1913), que iniciou os estudos para a compreensão dos fenômenos psiquiátricos, através dos princípios da Fenomenologia, para caracterizar e com alguma precisão organizar os diversos transtornos da mente perturbada. O estudo fenomenológico propõe uma leitura da configuração final dos fenômenos, que transitam entre as consciências da mente do psiquiatra e do paciente enquanto pessoa de movimento próprio e isento de pressupostos ou intencionalidades, para uma posterior verificação do procedimento de mútua experimentação, se valendo da compreensão e da interiorização da vivência do outro.

De qualquer modo, não está ainda esgotada a contribuição da psicopatologia para a psiquiatria e para a medicina em geral. (...) na sua procura do significado humano e da compreensão, tem virtualidades correctoras da tecnocracia médica e psiquiátrica. E pode ainda, ao ver o Homem como um todo significativo em interacção com os outros e com o seu próprio corpo, abrir novos caminhos à investigação médica. (ABREU, 2002, p. 26)

Fatores genéticos, infecciosos, nutritivos, degenerativos, psicológicos, sociais e culturais constituem causas das patologias mentais; o perigo e a duração oscilam entre pouco e muito, transitório ou durante a vida inteira; e as variedades de distúrbios

acompanham os ocorridos médicos e sociais, pelo decorrer do tempo, que precipitam muito, mas geralmente não se apegam à relação doença/origem.

Cada vez que se manifesta uma discordância, e enquanto ela permanece, é necessário remontar a relação. Por exemplo, diz-se que alguém apanha uma doença, digamos por imprudência. Em seguida declara-se o mal, e, a partir desse momento, é uma realidade, cuja origem está cada vez mais no passado. (KIERKEGAARD, 2007, p. 22)

Grande parte dos psicanalistas considera a Psicose como uma grave patologia do Ego, uma síndrome Narcisista, cujas características seriam a conduta anti-social e composta de uma afetividade diferenciada. Já a Psicopatologia moderna, através de co-experiências com os pacientes, sem relação hierárquica e aferições de verdades sobre o que é certo ou errado, considera os distúrbios transtornos mal resolvidos na infância que podem perdurar por toda a vida, pedaço de um passado que não se foi, procedendo em determinadas situações igualmente às situações antigas, como se estas não tivessem se resolvido ainda no seu interior.

Um dos atributos mais importantes do amor é a capacidade de gratidão criada por êle. As crianças que aprendem a amar como são amadas sentem a gratidão enquanto criam relações mais realistas com a mãe. A gratidão nessa forma inicial reforça a apreciação da bondade nos outros e em si mesma. (CROWCROFT, 1971, p.100)

A esquizofrenia se destaca como uma psicose interligada a alucinações auditivas, já que a maioria dos portadores desse distúrbio costuma ouvir vozes, manifestações do seu inconsciente. Andrew, na obra *O Psicótico* (1971), dividiu as psicoses em Orgânicas, em que fatores físicos são relevantes para a predominância desse distúrbio; e Funcionais, quando as causas estão além das transformações orgânicas. Estados crônicos e de confusão mental representam os primeiros distúrbios; a Esquizofrenia e Psicoses Afetivas (mudança repentina de humor) são características das doenças mentais do segundo grupo.

Existem fenômenos psíquicos que a ciência ainda não explicou. Para Abreu (2002), há psicoses endógenas incompreensíveis, mas inter-relacionadas pelas semelhanças cerebrais manifestadas em suas ocorrências, como o suicídio que, cientificamente se provou ser mais frequente na estação primaveril, o que não invalida que o suicídio seja mais compreensível em outras estações. Para Abreu a ciência amplia nosso conhecimento quando se explica à natureza, mas este saber se torna insuficiente,

se não místico, para explicar o ser humano, suas complexas relações, e lhe guiar no decorrer do fenômeno vida.

Da mesma forma como provavelmente não haja, segundo os médicos, ninguém completamente são, também se poderia dizer, conhecendo bem o homem, que não há um só que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o quê de desconhecido ou que ele nem ousa conhecer, receio duma eventualidade exterior ou receio de si mesmo. Assim como os médicos dizem duma doença, o homem traz em estado latente uma enfermidade, da qual, num relâmpago, raramente um medo inexplicável lhe revela a presença interna. (KIERKEGAARD, 2007, p.27)

Para Vítor Amorim e Luísa Gonçalves, no livro *“Patologia da personalidade”* (2004), seja porque as condições sociais contemporâneas favoreçam a maior incidência de patologias, seja porque as classificações atuais permitem uma maior objetividade e facilidade diagnóstica, tem-se claramente verificado um incremento significativo de procura de ajuda por parte de doentes que possuem alguma psicopatologia.

O aumento na procura dos pacientes pela Medicina se reconfigurou em uma atitude mais ativa do paciente, que reivindica o direito de saber e de participar das decisões acerca dos procedimentos médicos a serem adotados. Ivan de Araújo (2002) afirma a vontade, cada vez mais presente, das pessoas de autodeterminar-se, decidirem sobre si mesmas, serem agentes do próprio destino, chegando até mesmo a dispensar a terapia e optar pela morte da forma que consideram mais digna (Binswanger, L. apud. SAMPAIO, 2000). FÉ (2010) em seu artigo *“Doença Mental e Autonomia”* propõe problemáticas e indagações desafiadoras principalmente aos psiquiatras em suas atividades cotidianas, “O que, definitivamente, significa a vivência da loucura?”

Há casos em que somos como os cavalos, nós os psicólogos. A inquietude se apodera de nós porque vemos nossa própria sombra balançar diante de nós. O psicólogo deve desviar-se de si próprio para conseguir se ver. (NIETZSCHE, sem ano, p.21)

Nenhum cuidado ou atenção era dado aos portadores de doenças mentais, no Brasil, até o século XIX; Frederico Carvalho, no *“Barbacena, 100 anos de” psiquiatria* (2009), conta que com a chegada da família real concomitante com o desenvolvimento urbano, em 1808, o Estado passa a organizar o Rio de Janeiro e, em 1830, a Sociedade de Medicina da capital decidiu criar um espaço próprio para os “loucos”, agora considerados doentes mentais.

Assim, o primeiro hospital psiquiátrico do país foi criado em 1841, no Rio de Janeiro. Em Minas Gerais, eram os porões das Santas Casas, como de Diamantina, que recebiam os “doidos”; e, em 1889, foi inaugurado o Sanatório de Barbacena, que ao mesmo tempo era utilizado como hotel em algumas épocas e casa de repouso para doenças nervosas, um refúgio de loucos e sãos. Em 1903, o governo o adquiriu e ali instalou a Assistência aos Alienados, marco da centralização de todo o atendimento psiquiátrico de Minas Gerais.

Barbacena, como terra de grandes políticos, ao perder o “status” de capital, pensou-se em agraciá-la com algo compensatório e, essa compensação foi a criação de um centro para tratamento dos doentes mentais; alienados, como eram chamados. (CARVALHO, 2009, p.30)

Um decreto de 31 de janeiro de 1927 criou o Manicômio Judiciário de Barbacena, somente inaugurado no mesmo dia e no mesmo mês de 1929. Em 1987, após transformações e reformas nos aspectos higiênicos, humano e social ocorridas, a Unidade passou a chamar Hospital Psiquiátrico e Judiciário Jorge Vaz, subordinado à Superintendência de Segurança e Movimentação Penitenciária, ou simplesmente conhecido como Manicômio Judiciário de Barbacena. “Abrir uma instituição, o manicômio, não é apenas abrir as portas, mas abrir nossa cabeça em confronto com aquele que nos procura” (Franco Basaglia).

A instituição é responsável por formular laudos periciais psiquiátricos para a justiça, aplicar medida de segurança e guarda para tratamento de pacientes considerados inimputáveis pelo estado, ou seja, sem condições de se imputar culpa pelo crime cometido, devido suas perturbações mentais.

Art.26. É isento da pena o agente que, por doença mental ou desenvolvimento mental incompleto ou retardado, não era inteiramente capaz de entender o caráter ilícito do fato ou de determinar-se de acordo com esse sentimento. (Código Penal, Artigo 26)

O movimento antimanicomial e de desinstitucionalização tornou-se presente nas primeiras manifestações dos movimentos de contra-cultura, da década de 1960, juntamente com o movimento hippie e o movimento estudantil europeu. Ideias mais tarde reforçadas pelos referenciais humanistas ocidentais, que priorizavam a liberdade e seu valor nas inter-relações da sociedade. O antigo hospício propiciava como primeira conduta, a reclusão, utilizando vários métodos para o tratamento, como eletroconvulsoterapia (eletrochoque), contenção (uso de correia no pescoço), e a

psicofarmacologia, presente até hoje. A substituição dos manicômios por práticas hospitalares mais humanas revelou-se, aos poucos, a realidade de vários países.

Somente a partir de 1930 (Na Escócia a lei de admissão voluntária foi introduzida em 1880), o indivíduo doente teve a possibilidade de ser um “paciente voluntário” num hospital público para doentes mentais; isto é, podia “procurar asilo”. Mesmo após 1930, a maioria dos pacientes, na maior parte dos hospitais psiquiátricos, eram interditados: ficavam internados sob coação legal. Esse continuou sendo o costume generalizado durante as décadas de 1940 e 1950. Os hospitais eram edifícios imensos, localizados geralmente a muitos quilômetros das casas dos pacientes, o que tornava as visitas extremamente difíceis para os parentes. Os regulamentos desses hospitais assemelhavam-se mais ao sistema penitenciário do que ao hospitalar. (CROWCROFT, 1971, p.149)

Camarotti (1994), no texto *Manicômios*, assinala que na reforma psiquiátrica do Brasil as liberdades sindicais, as organizações civis, o movimento nacional pela anistia, a redemocratização e abertura político-partidária em muito contribuíram para sua implementação. Encabeçada pelos profissionais da área de saúde mental, divulgadores de novas condutas terapêuticas, a reforma propunha práticas alternativas, que desenvolvessem autonomia e capacidade de assumir novas posturas do paciente em relação a sua própria doença, numa expansão além muros.

Desde 1900 já se objetivava a recuperação de um doente mental por meio da laborterapia (SIVADON, P. & GUILLANT, L.), indicada como uma das terapias mais eficientes no início da psiquiatria, em que já se usava o trabalho agrícola, principalmente, visando uma canalização das energias do paciente em atividades de prazer, construtivas, criativas e de terapia ocupacional. Dalgalarrondo (2000), na obra *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*, coloca o pensamento, a sensibilidade e a intuição como instrumentos principais da psiquiatria; simbologias necessárias para os diversos serviços alternativos de assistência aos doentes mentais, que acompanharam a luta antimanicomial. Jorge Augusto Ortiz Finger, na obra *Terapia Ocupacional* (1986), afirma que na Terapia Ocupacional ocorre o manejo de atividades motoras, sociais e pouco expressivas, uma forma de tratamento, enquanto que a Reabilitação se utiliza de lógicas pedagógicas e sociais. Para Finger, as duas coisas podem ser praticadas juntas, ou seja, a Terapia Ocupacional funciona como a ligação ou preparo para Reabilitação.

O campo da Terapia Ocupacional está localizado exatamente na intersecção interno-externo, indivíduo-sociedade (grupos), pensar-fazer, aquilo que é psíquico-aquilo que é corporal. Seu foco está nesse encontro que se dá sempre através de uma ação. (MAXIMINO, 2001, p. 13)

E mais,

O fazer se dá em um campo intermediário, nem interno, nem externo, pele e material se confundem. A mão que modela é a mesma sendo modelada – por um momento não se sabe quem faz e quem está sendo feito. (MAXIMINO, 2001, p. 14)

Em 1978, inicia-se o Movimento Nacional de Luta Antimanicomial pelos trabalhadores de saúde mental, expresso na obra de CARVALHO (2009).

Em Barbacena, além dos progressos já citados, destacamos as residências, para grupo pequeno de pacientes, o que desenvolve a individualidade; a confecção de artesanato e a sua exposição e venda; o salão de beleza e o bloco “Tirando a Máscara” no qual desfilam, no sábado de carnaval, os pacientes, profissionais liberais, funcionários e simpatizantes. (CARVALHO, 2009, p. 88-89)

Diante de tantas implicações e linearidades dos processos históricos, psiquiátricos, psicopatológicos e barbacenenses, busca-se por meio deste trabalho não desenvolver teorias acerca da psique do homem, mas elucidar a experiência do pesquisador na vivência manicomial, fortemente atrelada às ciências humanas e naturais.

Essa complexidade alusiva aos transtornos mentais e sua representação simbólica na sociedade, atrelada à carência de trabalhos jornalísticos que representassem com caráter literário um ambiente manicomial e seus internos, faz com que o Jornalismo Literário possa em muito contribuir para uma aproximação, destituída de moral, da realidade das pessoas acostumadas ao jornalismo midiático com essa realidade do indivíduo deficiente mental, geralmente escondido pela omissão.

Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais da informação jornalística. (LIMA, 2004, p. 4)

Abreu (2002), na obra *Introdução a Psicopatologia Compreensiva*, muito aproxima o Jornalismo Literário com os métodos de fenomenologia, que critica a cientificidade e sua invasão ao pensar o ser humano, que pragmatiza as coisas em si, quando o que interessa são essas coisas vividas por diferentes sujeitos.

O jornalismo possui em seus princípios a elucidação e divulgação das causas da sociedade coletiva, retratando e reivindicando os direitos e a cultura de um povo, entretanto esta área tem se configurado como a profissão do supérfluo e do

sensacionalismo, associado a instituições de poder, patrocinadores e seus interesses priorizados, com raras exceções. Esse modelo de jornalismo vigente acaba por enlaçar os jornalistas nesse modelo midiático de produzir notícias, em uma estrutura que inviabiliza a construção de um jornalismo democrático que atenda às necessidades do todo e enxergue o humano como ser.

Porque o livro-reportagem é parte do mundo do jornalismo, mas possui sua própria autonomia, que exatamente lhe possibilita experimentações impraticáveis nas redações dos veículos periódicos. (LIMA, 2004, p. 14)

A imprensa nascida com esse intuito social de contestar as três grandes esferas de poder, Executivo, Legislativo e Judiciário, acabou por se tornar não o quarto poder, comumente pronunciado, mas se converteu no primeiro, violando todo o princípio democrático das atividades jornalísticas, segundo Gustavo de Castro e Alex Galeno, no livro *Jornalismo e Literatura, A sedução da palavra* (2002).

Por isso é que no mundo atual vemos o jornalismo cético, tecnicista. Os jornalistas não têm clara noção de que manipulam a informação e por isso deveriam ter consciência de seu importante papel social. (VICCHIATTI, 2005, p.21)

Em todas as relações humanas alternativas são buscadas a fim da desapropriação da lógica dominante, e o Jornalismo literário é uma dessas fugas que busca espaço no universo jornalístico e na sociedade. Ele se constitui como expressão de uma grande reportagem, ampliando os contextos das relações de causas, efeitos, consequências, em uma riqueza de informações e descrições; tudo isso aliado a um comprometimento com a sociedade, e uma escrita poética que traga o leitor a uma maior sensibilidade e incorporação ao que está escrito.

Vários escritores ilustres, como Machado de Assis e José de Alencar, encontraram no jornalismo de sua época um meio de se fazer literatura, entretanto há quem diga que os escritores encontraram no jornalismo uma forma de subsistência e reconhecimento que não lhes eram concedidos no livro.

Na verdade, a literatura e a imprensa confundem-se até os primeiros anos do século XX. Muitos dos jornais abrem espaço para a arte literária, produzem seus folhetins, publicam suplementos literários. É como se o veículo jornalístico se transformasse numa indústria periodizadora da literatura da época. (LIMA, 2004, p. 174)

Felipe Pena, no “*Jornalismo Literário*” (2006), apresenta essa alternativa literária do jornalismo como um conceito mais amplo, em que é necessário ultrapassar o cotidiano, deliberando olhares que fujam ao comum, que amplie a realidade definida da sociedade, que corrompa o modelo tradicional do *lead*, que exerça a cidadania; tudo isso sem se abster das técnicas narrativas do jornalismo diário e do cuidado pela efemeridade, para que essa prática não se torne demasiadamente superficial, mas também não objetive a realidade do que se fala.

Jornalismo e literatura são atividades que se aproximam porque sobrevivem do mesmo meio, a palavra, e do mesmo fim, a conquista de leitores. Ambos, porém, ocupam seus espaços. Tanto melhor será o jornalismo quanto mais houver de inspiração literária. E tanto melhor será a literatura quando nela couber o que de mais importante há no jornalismo: a sedução. Os amantes da palavra, em geral, se satisfazem diante de uma história bem contada, seja ela num livro ou num jornal. (CASTRO; GALENO, 2002, p.97)

Gabriel Garcia Márquez, em seu livro “*A Aventura de Miguel Littín Clandestino no Chile*” (1986), descreve como relatou a história do cineasta Miguel Littín, voltando clandestino ao Chile para filmar a realidade do seu país. Ele afirma que não é só pelo método da investigação e pelo caráter do material que seu livro é uma reportagem, mas sim pela reconstrução emocional da aventura do cineasta que experimentou questionamentos muito mais intensos do que seus objetivos iniciais de denunciar a realidade da ditadura do país. “Este não é o ato mais heróico da minha vida, é o mais digno”, disse o próprio Littín no livro de Garcia Márquez.

Existem em todas as épocas e em todas as gerações um anseio de se contarem histórias que tocam a alma de indivíduos da espécie. É um chamado a um tipo de auto-realização que às vezes mexe com as entranhas, impulsiona a pessoa para um desafio vital. Está ligado – também – a uma questão profunda de busca de auto-identidade, de descoberta do mundo. (LIMA, P. L. apud BOAS, S. V, 2007, p. 10)

O romance-reportagem busca a representação do que se vê por meio de infinitas interpretações que fogem os limites do comum. Felipe Pena, no *Jornalismo Literário* (2006), complementa dizendo não haver a preocupação em explicar, orientar, opinar, mesmo se aproximando da ficção por esta não ser sua estratégia, mas sempre preso a realidade.

O livro-reportagem, bem como o projeto experimental romance-reportagem vivido pelo autor, assume então a responsabilidade de buscar todas as realidades possíveis para tentar desvendar o tema em questão, já que a realidade é entrecortada por definições de verdade e tantas outras realidades, uma convergência de

contextos e peças de quebra-cabeça que convivem juntos em diversas dimensões, quando colocada a vivência própria na realidade de outrem.

Relatório: A falta de um roteiro

Pré-produção

No primeiro semestre de 2009 brotou a súbita idéia de realizar um trabalho, como conclusão de curso, em forma de um livro-reportagem que explorasse o tema psicopatia a partir da convivência com internos do Manicômio Judiciário de Barbacena, cidade permeada por hospitais psiquiátricos e marcada pelo histórico manicomial, visitada pelo autor em julho de 2008, aguçando suas percepções e curiosidades acerca da cidade.

A escolha do hospital psiquiátrico se deve a este ser o único de Minas Gerais que funciona como penitenciária e atendimento médico - psicológico/psiquiátrico, abrigando em tratamento e guarda cidadãos considerados inimputáveis pelo estado, incapazes de responder pelos seus atos criminosos e entender a ilicitude do fato; o que muito despertou a atenção por se tratar de uma instituição psiquiátrica diferenciada, destituída de materiais bibliográficos sobre, o que desde o início restringiu a obtenção de informações acerca do manicômio para uma pré-ambientalização.

A partir de agosto iniciou-se a pesquisa com jornalistas literários e suas obras, como Gabriel Garcia Márquez, Truman Capote e Zuenir Ventura; bem como autores que discutissem o livro-reportagem como manifestação do jornalismo literário e investigativo, como Edvaldo Pereira Lima e Felipe Pena; a loucura e suas facetas na sociedade, como Friedrich Nietzsche e Sören Kierkegaard; a psicopatia e suas nuances, como José Pio Abreu, Paulo Dalgalarondo e Andrew Crowcroft.

Encaminhou-se então um ofício, em meados de setembro, para o Hospital Psiquiátrico e Judiciário Jorge Vaz, solicitando à coordenação a permissão para lá permanecer durante duas temporadas, com datas a definir juntamente com a unidade, no período de uma semana cada; explicitado no ofício a finalidade das visitas a um hospital com sistema penitenciário, que visasse a produção de um livro-reportagem relatando o dia-a-dia do manicômio e seus pacientes, como trabalho final de conclusão de curso.

Cedidas as visitas, desde que agendadas anteriormente, sujeitas a mudança, e com acompanhamento de uma profissional, o autor sugeriu como supervisora a

psicóloga da instituição a qual já conhecia, fator de grande vantagem para um primeiro contato com o hospital e com um trabalho sem roteiro definido.

Produção

Em janeiro de 2010, entre os dias 21 e 29, aconteceu a primeira visita ao manicômio, utilizando-se da observação participante, entrevista informal e pesquisa investigativa. Reproduziu-se em caneta e papel o ver, sentir, apreender e ler, sem a permissão do uso de computadores, câmeras digitais e gravadores, dentro do hospital psiquiátrico.

A angulação inicial era reproduzir fielmente, no livro-reportagem, histórias e relatos da vida dos internos, unindo percepções fundamentadas na vivência dentro do manicômio. Como a limitação de não se estabelecer muito contato com os internos, e muitos deles não se permitirem contato ou não conseguirem efetivar alguma comunicação coerente, reestruturou-se o projeto por meio de relatos pessoais e sinceros das impressões experienciadas pelo autor; principalmente nos atendimentos psicológicos de rotina acompanhados, nas alas feminina e masculina, que proporcionaram uma maior interação e aproximação.

A partir do segundo dia, após cansativas apresentações e justificativas da presença no hospital a todos os funcionários, de variados turnos, o pesquisador conheceu a sala penal e suas gavetas contendo os processos dos pacientes, seus antecedentes pessoais e criminais, laudos periciais e médicos, cartas dos internos dirigidas aos juízes e coordenação do “Jorge Vaz”, bem como diversos outros documentos. Desde então se decidiu transcrever, em um texto sucinto, os processos que fossem referentes aos pacientes que mais prenderam a atenção e o olhar; muitos processos se encontram em estudo e laudo pericial não possibilitando a sua acessibilidade.

Nessa primeira temporada, a vivência foi além dos muros da instituição, pois nos nove dias permanecidos em Barbacena, somente sete aconteceram dentro do manicômio, devido ao sábado e domingo que não foi obtido permissão para entrar. Assim, já conhecido e simpatizado um pouco com Barbacena, o autor explorou outras áreas e cheiros da cidade, se permitindo ir além do que o hospital Jorge Vaz, ligando todas as sensações e informações do frio município ao universo carcerário, psiquiátrico e manicomial da instituição.

Visitou-se o conceituado Hospital Colônia, antigo Sanatório; o Museu da Loucura com o histórico ilustrado de Barbacena e a exposição “Porões da Loucura”, detentora de grande importância por denunciar a ditadura manicomial; além das praças, igrejas, pessoas e bares; tudo e todos carregados de singularidades e magias que diferem em muito de outras cidades mineiras.

De volta à rotina viçosense, foram transcritas as observações e processos dos vários pacientes conhecidos, estes levemente modificados devido à linguagem jurídica de difícil compreensão e, parte deles redigidos em linguagem arcaica e com informações incoerentes.

Na segunda visita, do dia 10 a 14 de maio de 2010, o clima, as sensações e as descobertas foram totalmente diferenciadas da primeira visita, acrescentando ao livro-reportagem uma nova vivência. Nesses intensos cinco dias grande parte do tempo foi destinada à permanência dentro do hospital, colhendo, sentindo, tocando e anotando tudo o que fosse apercebido, para após realizar a montagem de uma obra que contivesse ao máximo o Jorge Vaz e seus internos.

Dessa vez foi permitido usar o computador para transcrever as informações dos processos dos internos, de muita valia para o trabalho, devido ao grande tempo gasto anteriormente transcrevendo as informações dos processos para o papel e deste para o computador, anotadas na primeira visita ao hospital. Também conseguiu-se a liberação do uso da câmera fotográfica, com fotos que expusessem no máximo mãos e pés dos pacientes, respeitando o direito de imagem das mesmas.

Diversos internos e funcionários tornaram-se importantes personagens para a construção dos relatos, carregados por suas peculiaridades e personalidades marcantes; fruto também da descoberta e acompanhamento por dois dias da Terapia Ocupacional e seus artesões, momentos de muito contato com os pacientes e de cor para um trabalho, que na primeira temporada absorveu somente a penumbra do manicômio.

A cidade, nesta segunda temporada, manteve-se em um frio difícil de suportar, o que dificultou as visitas à outros lugares, pois as energias congeladas e os poucos dias permanecidos em Barbacena direcionaram o autor somente ao manicômio. Tempo este ao máximo aproveitado também por meio da coleta de materiais complementares para o trabalho, como um livro sobre a história da psiquiatria de Barbacena, a tese de monografia “Jorge Vaz, vida e obra” de uma enfermeira do manicômio, e o livro “Quebrando Amarras” com fotos e poemas dos pacientes da

unidade; este último o melhor ganho por ilustrar a terapia ocupacional, de que tanto o trabalho se aproximou e quis retratar em sua segunda visita.

Pós-produção

Após abandonar toda aquela rotina excitante do hospital, o restante de Maio e o mês de Junho foram destinados a relatar a segunda parte do livro-reportagem, alusiva à segunda temporada; e posteriormente a construção de todo o corpo do texto unindo os relatos das duas visitas. Dividiram-se os dias vivenciados em Barbacena e no manicômio em capítulos, e utilizado duas fontes durante o correr do texto, *Calibri* para os escritos pessoais devido a sua leveza, e *Prestige* para os processos jurídicos, pois se assemelha a letra datilografada simulando uma máquina de escrever.

Mesmo equipado de desenhos feitos pelos próprios pacientes manicomiais, surgiu a necessidade de ilustrações abstratas que explorassem os relatos escritos no hospital; um casal de amigos e artistas plásticos, Julia Fagundes e Arquimedes Vazmenos, a pedido do pesquisador, criaram algumas ilustrações que despertam o subjetivo do que se lê, uma delas na capa representando todo o universo interior do livro.

Posteriormente à escrita, trocaram-se todos os nomes de funcionários e internos da instituição, que ainda se mantinham originais. Iniciou-se o processo de construção e diagramação do corpo da obra no programa *In-Design*, muito dificultado pelo analfabetismo digital do autor que recorreu à ajuda de amigas, Eloah Monteiro e Ana Maria Pereira. Trabalhados os desenhos e poemas dos internos, fotos e ilustrações no *Corel Draw*, uniram-se estas com o texto, e no mesmo programa se efetuou a criação artística da capa.

Vislumbrou-se a necessidade da construção de um texto introdutório que fizesse a releitura sucinta da história manicomial, barbacenense e especificamente do hospital Jorge Vaz, e de um glossário finalizando o livro, que sanasse dúvidas a respeito de termos psiquiátricos e jurídicos citados durante o texto.

Acrescentado agradecimentos, frases ilustrativas, um conto literário, sumário e nota do autor, a diagramação conclui-se em vida e forma num livro-relato-reportagem, que conseguiu atender as expectativas diante dos percalços e limitações iniciais no manicômio, da falta de roteiro para se delinear o percurso do projeto que se seguiu

espontaneamente, e das limitações pessoais e financeiras do autor na construção de um trabalho independente, que não fosse só um projeto de conclusão de curso.

Ficha Artística e Técnica do livro-reportagem “Olho no Breu”

Autoria: Aramis Assis

Diagramação: Eloah Barreto, Aramis Assis, Ana Maria Pereira

Capa: Eloah Barreto e Aramis Assis

Ilustrações: Júlia Fagundes, Arquimedes e antigos internos do Hospital Jorge Vaz

Fotos: Aramis Assis

Revisão: Aramis Assis e Janaína Nunes

Número de páginas - 136 pg.

Orçamento

Transporte: 140,00

Alimentação: 100,00

Livros, cópias e scanner: 70,00

Impressão do trabalho: 200,00

Considerações Finais ou Iniciais

Compartilhado, durante todo o projeto experimental e seu processo no memorial, a idéia de retratar um ambiente manicomial tão único e excêntrico, tão íntegro e anormal, tão confuso e limitado; ao final do trabalho, que também é início de aprendizagem e crescimento, se torna inteiramente complexo e desproposital definir conclusões que explicitem o que de mais interno ficou.

Desde o início do projeto, quando se deu a iniciativa de se fazer jornalismo literário atrelado ao universo dos transtornos mentais, já se tinha em mente o Manicômio Judiciário de Barbacena como palco e descoberta dessa investigação, que aconteceu com os olhos e com o coração. As preocupações iniciais surgiram em decorrência das restrições de se realizar o planejado para o livro-reportagem, porém a destituição de um roteiro sólido deixou o autor inteiramente livre para criar, brincar com as palavras, ser jornalista e vivenciar uma experiência tão importante para todos os campos da consciência compreensiva do homem.

Conhecer a psicopatologia, a fenomenologia, o outro em si e não como objeto, foi de importante solidificação das experiências de ser o outro, ser humano, e incorporação da psique do homem e suas deturpações. Aprender a sobrepor inúmeras verdades em um mesmo contexto, e no final não obter nenhuma que fosse fidedigna, mas apresentar todas as idéias que cabem em um mesmo universo, foi de grande relevância pessoal e profissional, ao viver tais ensinamentos na prática e nas teorias do livro-reportagem, jornalismo literário e do próprio saber jornalismo, tão desacreditado pelos próprios estudantes da área.

Destituir agora todo o academicismo e ser verdadeiramente intenso naquilo que se acredita é o que fica de mais importante: o saber aplicado ao homem, o homem aplicado à vida. É isto que sinto, é isto que nos pulsa.

Enquanto estudante, cidadão, filho, irmão, neto, primo, sobrinho, amigo, namorado, vizinho, animal, ser humano, ser vivo, luz e cosmos, quem dera elevar o homem enquanto ser divino que pudesse sanar suas deficiências e emoções doentias, quem dera resolver os problemas ambientais e sociais da humanidade, quem dera reviver fauna e flora, quem dera dividir todas as artes e descobertas, quem dera fazer do sofrimento gratidão, fazer do sangue flor, fazer dos deuses todos nós, fazer da magia união, fazer das diferenças compreensão, fazer das vivências amadurecimento, fazer das criaturas terrenas uno, fazer da essência liberdade, fazer do academicismo expansão, para que todo compromisso seja social, para que toda dor seja madura, para que todo louco seja são, para que toda sanidade seja loucura, para que todo dia seja eterno, para que toda ação seja com o coração, para que todo silêncio seja inundação por dentro, para que toda mão seja duas.

NIETZSCHE *in* A Gaia Ciência

“Enquanto fenômeno estético, a existência ainda nos é suportável e a arte nos dá os olhos, as mãos, sobretudo a boa consciência, que é necessária para poder fazer de nós mesmos este fenômeno. É preciso que, de vez em quando, descansemos de nós próprios, olhando-nos de cima e de longe e, com o longínquo da arte, rir ou chorar de nós mesmos: é preciso descobrirmos o herói e também o louco que se dissimulam na nossa paixão do conhecimento; sejamos felizes, de vez em quando, com a nossa estupidez, para que possamos continuar felizes com a nossa sabedoria! E é precisamente porque, no fundo, somos pesados e sérios, e antes pesos do que homens, que nada nos faz melhor do que o chapéu do bobo: temos necessidade dele perante nós próprios, precisamos de toda a arte exuberante, flutuante, dançante, trocista, infantil e venturosa, para não perder essa liberdade que nos coloca acima das coisas e que o nosso ideal exige de nós. Seria para nós um recuo – e precisamente em virtude da nossa suscetível integridade cair inteiramente na moral, e tornamo-nos, em função das superseveras exigências que nos fazemos neste ponto, monstros e espantalhos virtuosos. É preciso que possamos também nos colocar acima da moral; e não somente com a inquieta rigidez daquele que receia a todo o instante dar um passo em falso e cair, mas como à vontade de alguém que pode flutuar e zombar acima dela! Como poderíamos nos privar da arte e do louco?... E, enquanto mantiverdes alguma vergonha de vós próprios, não sereis ainda capazes de ser dos nossos”.

Bibliografia

ABREU, J. P. **Introdução à Psicopatologia Compreensiva**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

AMORIM, V. GONÇALVES, L. **Patologia da Personalidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

BAPTISTA, Frei João. **Recordações da casa dos loucos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

BOAS, S. V. **Jornalistas Literários** : Narrativas da vida real por novos autores brasileiros. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

CARVALHO, Frederico. **Barbacena, 100 anos de Psiquiatria**. Barbacena: Gráfica e Editora Cidade de Barbacena, 2009.

CASTRO, G.; GALENO, A. (orgs). **Jornalismo e Literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. (Coleção Ensaio Transversais)

CROWCROFT, Andrew. **O Psicótico**: Compreensão da Loucura. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

COSTA, H. C. **Manicômios** – Um Caso de Direitos Humanos. Brasília: INESC, 1994.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: ArtMed, 2000

FÉ, I. A. M. **Doença Mental e Autonomia**. Disponível em: <<http://www.portalmedico.org.br/revista/bio1v6/doenmental.htm>> Acesso em: 05 abril 2010.

FINGER, J. A. O. **Terapia Ocupacional**. São Paulo: Sarvier Editora de Livros Médicos Ltda, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

JASPERS, K. **Psicopatologia Geral**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1987

KIERKEGAARD, Sören. **O Desespero Humano**. São Paulo: tradução pela MartinClaret, 2007.

LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2004.

LIMA, E. P. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção Primeiros Passos; v. 268)

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **A Aventura de Miguel Littín Clandestino no Chile**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1986.

MAXIMINO, V. S. **Grupos de Atividade com Pacientes Psicóticos**. São José dos Campos: JAC Gráfica e Editora, 2001.

MOLLON, Phil. **Conceitos da Psicanálise – O Inconsciente**. Rio de Janeiro: Relume Dumará Editora, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos**. São Paulo: Editora Escala, sem ano.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006. (Coleção Comunicação)

ROTTERDAM, E. **Elogio da Loucura**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

VICCHIATTI, C. A. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. São Paulo: Editora Paulus, 2005.